

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

50

ABRIL – JUNHO
1988

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

	Via normal	Via aérea
Portugal e Países de língua portuguesa	600\$00	1.000\$00
Outros países estrangeiros	750\$00	1.050\$00
Este número	150\$00	—

ABRIL — JUNHO

50

ANO XIII

Apresentação

Colectânea das Missas de Nossa
Senhora — Preliminares

*Tradução não oficial
de Fernando Silva*

Maria na Catequese Litúrgica
de Santo Agostinho
A propósito do antigo Caminho
de Peregrinação Português

José de Leão Cordeiro

*Manuel Núñez Rodríguez
e José António Falcão*

2.ª Reunião da CEL com os Secretariados
Diocesanos de Liturgia
2.º Encontro das Comissões Nacionais
de Liturgia dos Países de Língua Portuguesa

Abre este número do Boletim com a versão portuguesa da primeira parte dos preliminares das Missas de Nossa Senhora.

Vem a propósito recordar que, no dia 15 de Agosto de 1986, a Congregação do Culto Divino promulgou pelo decreto «Christi mysterium celebrans» a «Collectio Missarum de Beata Maria Virgine» (Colectânea das Missas de Nossa Senhora). Pretendeu assim corresponder ao desejo expresso, mais de uma vez, por muitos padres, especialmente reitores de santuários marianos, que gostariam de dispor de um repertório mais amplo de Missas de Nossa Senhora.

A introdução geral que publicamos parcialmente esclarece a natureza e o significado pastoral da Colectânea e dá normas e sugestões para o seu uso correcto.

A Colectânea foi publicada em dois volumes: o 1.º contém as partes eucológicas (livro do altar); o 2.º, as leituras bíblicas (livro do ambão). Como se diz nesta introdução, a Colectânea não altera o calendário romano geral, nem o missal, nem as rubricas em vigor. O seu único objectivo é promover um culto de Nossa Senhora enraizado na celebração do mistério de Cristo. Daí resulta grande parte do seu valor teólogo e da sua oportunidade pastoral.

O artigo do nosso colaborador Dr. José de Leão Cordeiro sobre «Maria na catequese litúrgica de S. Agostinho» é um estudo sobre Nossa Senhora na pregação do Bispo de Hipona, e ninguém deixará de reconhecer o seu interesse e actualidade neste Ano Mariano em curso.

A peregrinação medieval a Santiago de Compostela continua a ser estudada à luz da sua projecção na arte das nossas catedrais e igrejas românicas. Esta busca das origens religiosas e artísticas do nossos monumentos mais antigos e respeitáveis cor-

responde a uma preocupação generalizada à escala não só da nosso País mas também do mundo inteiro. É testemunho dum certo regresso às fontes que caracteriza as fases das grandes mudanças e das grandes roturas sociais e artísticas da história humana.

A notícia que nos merece maior atenção e desenvolvimento é a que trata do 2.º Encontro das Comissões Nacionais de Liturgia dos Países de Língua Portuguesa. O facto de ser a segunda já significa, de certo modo, o reconhecimento do seu interesse e o desejo da sua continuidade.

Já são sete os Países que têm o Português como sua língua oficial, e cresce todos os anos o número dos que a falam na Europa, na América do Sul e na África. E se não quisermos ignorar Macau e Timor e os emigrantes portugueses em diáspora, teremos de incluir a Ásia e a Austrália. Não é por motivos diplomáticos nem por mera simpatia que as emissões televisivas e radiofónicas do Vaticano utilizam a língua portuguesa nos grandes acontecimentos da Igreja.

Utilizando a mesma língua, os textos litúrgicos destes sete Países põem problemas comuns, que precisam de ser estudados e resolvidos por todos. Além disso, é desejo expresso da Sé Apostólica que as fórmulas essenciais da Missa e dos Sacramentos sejam idênticas em cada língua. Daí o maior interesse deste Encontro que se debruçou também sobre a comemoração dos 25 anos da Constituição sobre a Liturgia, o fenómeno da inculturação litúrgica e a força da religiosidade popular na vida cristã das nossas comunidades.

Realizado no Santuário de Fátima, este Encontro beneficiou de um ambiente de excepcional espiritualidade e pôde contar com as bênçãos maternais de Nossa Senhora.

Colectânea das Missas de Nossa Senhora

PRELIMINARES

1. O Concílio Vaticano II, na Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, depois de ter exposto a doutrina católica acerca da natureza da veneração que se há-de prestar a Santa Maria, Mãe de Cristo, «recomenda a todos os filhos da Igreja que fomentem generosamente o culto da Santíssima Virgem, sobretudo o culto litúrgico»¹. O mesmo Concílio, na Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, explica o que a Igreja universal sente e espera ao prestar culto litúrgico à Santíssima Virgem: «Neste ciclo anual da celebração dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, e porque indissoluvelmente unida à obra de salvação do seu Filho, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser»².

2. A Sé Apostólica, movida pela exortação do Concílio Ecuménico Vaticano II e guiada pelo uso e sabedoria secular da Igreja, empenhou-se com entusiasmo na promoção de uma verdadeira piedade para com a Mãe de Deus. Pelo que, na Liturgia Romana, a veneração da Bem-Aventurada Virgem Maria se apresenta rica de conteúdo e organicamente inserida no desenrolar do ano litúrgico³.

3. A Liturgia Romana, na verdade, no seu Calendário Geral, oferece com frequência ao fiel oportunidade de comemorar no

¹ N.º 67: *AAS* 57 (1965), p. 65.

² N.º 103: *AAS* 56 (1964), p. 125.

³ Cf. Paulo VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, n. 2: *AAS* 66 (1974).

decorso do ano litúrgico a participação da Bem-Aventurada Virgem Maria no mistério da salvação. Encontram-se, de facto, notáveis testemunhos de piedade para com a Mãe do Senhor não só no *Missal Romano* e na *Liturgia das Horas*, mas também noutros livros litúrgicos, os quais contêm celebrações próprias para honrar a memória da humilde e gloriosa Mãe de Cristo⁴.

I

A BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA NA CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO DE CRISTO

4. A liturgia, por meio dos sinais sagrados, celebra a obra da salvação que Deus Pai realizou por Cristo no Espírito Santo. A salvação, porém, que Deus Pai realiza continuamente:

— foi anunciada aos Patriarcas e Profetas. «A economia do Antigo Testamento destinava-se sobretudo a preparar, a anunciar profeticamente (cf. Lc 24, 44; Jo 5, 39; 1 Ped 1, 10) e a simbolizar com várias figuras (cf. 1 Cor 10, 11) o advento de Cristo, redentor universal, e do reino messiânico»⁵;

— em Cristo Jesus, porém, plenamente manifestada. Jesus, Filho de Deus, assumiu a natureza humana no seio da Virgem de Nazaré e foi constituído Mediador da nova e eterna Aliança (cf. Col 1, 22; 2 Cor 5, 18-19) e, infundindo neles o Espírito de adopção (cf. Rom 8, 15-17; Gál 4, 5-6), associou-se intimamente a Si próprio para que em espírito e verdade (cf. Jo 4, 23) prestassem ao Pai um culto agradável;

— prolonga-se no «tempo da Igreja», pelo anúncio do Evangelho e pela celebração dos sacramentos (cf. Mt 28, 18-20), os quais fazem com que no decorrer dos séculos os homens adiram à palavra da salvação e se insiram no mistério pascal;

— mas que na gloriosa vinda de Cristo atingirá a sua perfeição total (cf. Mt. 24, 30; Act 1, 11), quando Cristo, vencida a morte,

⁴ Cf. por ex. Ritual Romano, *Bênçãos*, Edição Típica, Typis Polyglottis Vaticanis, MCMLXXXIV, cap. XXIX, II. *Ritual da bênção da imagem da Bem-aventurada Virgem Maria*, nn. 1007-1017, pp. 382-388; *Rito para a coroação da imagem da Bem-Aventurada Virgem Maria*, Edição típica, Libreria Editrice Vaticana, 1984.

⁵ Concílio Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Divina Revelação, *Dei Verbum*, n. 15: AAS 58 (1966), p. 825.

submeter a Si todas as coisas e entregar o Reino ao Pai (cf. 1 Cor 15, 24-28).

5. A Igreja, ao celebrar os mistérios sagrados, celebra toda e a total obra da salvação; ao celebrá-la, como que torna presentes os acontecimentos passados e, no «hoje místico»⁶, opera a salvação dos fiéis, os quais, enquanto peregrinam na terra, buscam a Cidade futura (cf. Hebr 13, 14).

A Bem-Aventurada Virgem Maria, segundo o plano de Deus e por causa do mistério de Cristo e da Igreja, «participou intimamente na história da salvação»⁷ e tem estado activamente presente, de modo variado e admirável, nos mistérios da vida de Cristo.

6. As missas da Santíssima Virgem recebem força e sentido da sua íntima participação na história da salvação. Na verdade, a Igreja ao celebrar o papel da Mãe do Senhor na obra da redenção ou ao recordar os privilégios, celebra em primeiro lugar os acontecimentos da salvação nos quais, por desígnio salvífico de Deus, a Bem-Aventurada Virgem foi associada, em atenção ao mistério de Cristo.

Nas missas de Santa Maria

celebra-se a intervenção de Deus na salvação dos homens

7. Com os quais factos salvíficos a Igreja, desde o começo do ano, celebra a obra com a qual Deus preparou a futura Mãe do Redentor, na qual, «passada a longa espera da promessa, se cumprem o tempos e se instaura a nova economia da salvação»⁸. Deus, na verdade, cobriu Maria com a Sua graça e preservou-a de toda a mácula de pecado desde o primeiro instante da sua Conceição, encheu-A dos dons do Espírito Santo e, em seguida, cobriu-A inteiramente com o Seu amor, operando n'Ela «grandes coisas» (cf. Lc 1, 49) em ordem à salvação dos homens.

⁶ Cf. por ex. Liturgia das Horas, 25 de Dezembro, Natal do Senhor, II Vesp. ant. Magnificat; 2 de Fevereiro, Apresentação do Senhor, II Vesp. ant. Magnificat; quinta-feira da sexta semana da Páscoa, Ascensão do Senhor, II Vesp. ant. Magnificat; domingo de Pentecostes, II Vesp. ant. Magnificat.

⁷ Concílio Vaticano I, Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n. 65: AAS 57 (1965), p. 64.

⁸ *Ibid.*, n. 55: AAS 57 (1965), p. 60.

8. Mas a Igreja celebra também a intervenção de Deus na Encarnação do Verbo, no nascimento de Cristo, na Sua manifestação aos pastores, primícias da Igreja vindas dos Judeus (cf. Lc 2, 15-16), e mais ainda, nas primícias da Igreja vindas dos Gentios (cf. Mt 2, 1-12), e também noutros momentos da infância do Salvador. Aos quais acontecimentos salvíficos Maria está intimamente associada; daí os muitos formulários das missas, dos quais muitos gozam de venerável antiguidade e valor litúrgico, enquanto celebram os mistérios da infância de Cristo também recordam e põem em evidência a participação da Sua Mãe.

9. A Igreja, porém, ao celebrar, com um rito litúrgico, a vida pública do Salvador, na qual Deus Pai operou admiravelmente, associa também a Bem-Aventurada Virgem, que «tomou parte nos mistérios de Cristo»⁹. Na verdade, «na vida pública de Jesus, Sua Mãe aparece duma maneira bem marcada logo no princípio, quando nas bodas de Caná, movida pela compaixão, levou Jesus Messias a dar início aos Seus milagres (cf. Jo 2, 1-11). Durante a pregação de Seu Filho, acolheu as palavras com que Ele, pondo o reino acima de todas as relações de parentesco, proclamou bem-aventurados todos os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática (cf. Mc 3, 35 e paral.; Lc 11, 27-28)»¹⁰.

10. Mas a Igreja celebra principalmente as obras de Deus no mistério pascal de Cristo, e, ao celebrá-lo, encontra a Mãe intimamente associada ao Filho: na paixão do Filho a Bem-Aventurada Virgem «padeceu acerbamente com o seu Filho único, e associando-se com o coração de Mãe ao Seu sacrifício, consentindo com amor na imolação da vítima que d'Ela nascera»¹¹; na Sua ressurreição foi cheia de alegria inefável; depois da Sua ascensão ao Céu, unida em oração com os Apóstolos e com os primeiros discípulos no cenáculo¹², implorou «o dom daquele Espírito, que já descera sobre Ela na Anunciação»¹³.

⁹ *Ibid.* n. 66: AAS 57 (1965), p. 65.

¹⁰ *Ibid.* n. 58: AAS 57 (1965), p. 61.

¹¹ *Ibid.* n. 58: AAS 57 (1965), p. 61.

¹² Cf. Liturgia das Horas, Comum da Bem-Aventurada Virgem Maria, I e II Vésp. Preces (segundo formulário).

¹³ Conc. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium*, n. 59: AAS 57 (1965) p. 62.

A presença de Cristo na celebração litúrgica

11. Depois da gloriosa ascensão de Cristo, a obra da salvação continua principalmente por meio da celebração da liturgia, a qual, não sem motivo é considerada como o tempo da história da salvação. Na liturgia, de facto, Cristo está presente de muitos modos¹⁴: como cabeça, que preside à assembleia de culto, cujos membros estão revestidos da dignidade real; como mestre, que proclama ainda o evangelho da salvação; como sacerdote, que oferece o sacrifício da nova lei e actua pela sua virtude nos sacramentos; como mediador, que intercede continuamente a Deus Pai em favor dos homens (cf. Hebr 7, 25); como irmão primogénito (cf. Rom 8, 29), que une a sua voz às vozes de inumeráveis irmãos.

Os fiéis, porém, aderindo à palavra da fé e participando nas celebrações litúrgicas «no Espírito», encontram-se no Salvador e são inseridos vitalmente no acontecimento salvífico.

12. Do mesmo modo a Bem-Aventurada Virgem, elevada gloriosamente ao céu, junto do Filho, Rei dos reis e Senhor dos senhores (cf. Apoc 19, 16), «não abandonou esta missão salvadora, mas com a sua múltipla intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna»¹⁵. A Igreja, portanto, que pelos vínculos que a unem a Maria, quer viver com Ela e consigo mesma «o mistério de Cristo»¹⁶, experimenta continuamente que a Bem-Aventurada Virgem está presente como Mãe e como Auxiliar, sobretudo na sagrada liturgia.

13. A liturgia, na verdade, pela sua natureza favorece de modo admirável, aperfeiçoa e exprime a comunhão, não só com as Igrejas espalhadas por todo o mundo, mas também com os habitantes do Céu, com os Anjos e os Santos e, em primeiro lugar, com a gloriosa Mãe de Deus¹⁷.

¹⁴ Conc. Vaticano II, Constituição da Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, nn. 6-7: AAS 56 (1964), pp. 100-101.

¹⁵ Conc. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n. 62: AAS 57 (1965), p. 63.

¹⁶ Paulo VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, n. 11: AAS 66 (1974), p. 124.

¹⁷ Cf. Missal Romano, Oração Eucarística I ou Cântico Romano, *Communicantes*.

E assim, a Igreja, comunicando intimamente com a Santíssima Virgem, e imitando o seu sentido de piedade¹⁸, celebra os divinos mistérios, pelos quais «Deus é perfeitamente glorificado e os homens são santificados»¹⁹:

— associando-se à voz d'Ela, bendiz a Deus Pai e glorifica-O com o seu mesmo cântico de acção de graças e de louvor²⁰;

— com Ela deseja ouvir a Palavra de Deus e meditá-la frequentemente no seu coração²¹;

— com Ela deseja ardentemente tornar-se participante do mistério pascal de Cristo²² e associar-se à Sua obra da redenção²³;

— imitando-A quando está a orar com os Apóstolos no cenáculo, implora continuamente o dom do Espírito Santo²⁴;

— invoca a sua intercessão, acolhe-se à sua protecção²⁵, pede-lhe que visite o povo cristão e o encha com os dons das graças²⁶;

— com Ela, vigia benigna os seus passos, vai confiadamente ao encontro de Cristo²⁷.

¹⁸ Cf. Paulo VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, nn. 16-20: AAS 66 (1974), pp. 128-132.

¹⁹ Concílio Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacro-sanctum Concilium*, n. 7: AAS 56 (1964), p. 101.

²⁰ Cf. Missal Romano, dia 31 de Maio na Visitação de Bem-aventurada Virgem Maria, Colecta; *ibid.*, Prefácio II de Nossa Senhora.

²¹ Cf. Ritual Romano, Bênção, cap. V, *Ritual da bênção do grupo reunido para a catequese ou para fazer oração*, Preces, n. 383, p. 147.

²² Cf. Missal Romano, dia 15 de Setembro, memória de Nossa Senhora das Dores, Colecta; Ritual Romano, Bênções, cap. XXXIV, *Ritual da bênção das estações da «Via-Sacra»*, Preces n. 1108, p. 422.

²³ Cf. Missal Romano, Missa votiva de Nossa Senhora Mãe da Igreja, Sobre as oblatas.

²⁴ Cf. *ibid.*, Prefácio.

²⁵ Cf. Liturgia das Horas, Ant. final da Bem-aventurada Virgem Maria, *A vossa protecção nos acolhemos*.

²⁶ Cf. Liturgia das Horas, dia 31 de Maio, Visitação de Nossa Senhora, Hino do Ofício das Leituras, *Veni praecelsa Domina*.

²⁷ Cf. Missal Romano, Missa votiva de Nossa Senhora Mãe da Igreja, Prefácio.

A autoridade exemplar da Santíssima Virgem nas celebrações litúrgicas

14. A liturgia, na qual se encontra a força admirável de recordar as coisas passadas e torná-las presentes, apresenta muitas vezes aos olhos dos fiéis a imagem da Virgem de Nazaré, que «abraçou de todo o coração o desígnio salvador de Deus, consagrou-se totalmente, como escrava do Senhor, à pessoa e à obra de seu Filho, subordinada a Ele e juntamente com Ele, servindo pela graça de Deus onipotente o mistério da Redenção»²⁸.

Pelo que, principalmente nas acções litúrgicas, a Mãe de Cristo brilha como «modelo de virtudes»²⁹ e de fiel cooperação na obra da salvação.

15. A liturgia, recolhida da doutrina e linguagem dos Padres, exprime a força exemplar que há na Bem-Aventurada Virgem de vários modos: ora intitulando-A **exemplar**, principalmente quando quer pôr em destaque a santidade d'Ela e apresentá-l'A aos fiéis como escrava fiel do Senhor (cf. Lc 1, 38; 2, 48) e perfeita discípula de Cristo; ora intitulando-A **figura**, quando quer indicar que a vida e a condição existencial de Maria — Virgem, Esposa e Mãe — prefiguram a vida da Igreja e são guia dos seus passos no caminho da fé e no seguimento do Senhor; **imagem**, quando procura sublinhar que em Maria, já perfeitamente configurada a seu Filho, a Igreja «contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja e espera ser»³⁰.

17. A exemplaridade da Bem-Aventurada Virgem que emerge da mesma acção litúrgica, estimula os fiéis a conformarem-se com a Mãe para que se conformem mais plenamente ao Filho. Mas impele-os também a celebrar os mistérios de Cristo com os mesmos sentimentos de piedade, com os quais Ela participou na natividade e epifania, morte e ressurreição do Filho, incita-os, evidentemente, a guardar solícitamente e a meditar a Palavra de Deus; a louvar a Deus com exultação e a dar-lhe graças com alegria; a servir fiel-

²⁸ Conc. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, n. 56: AAS 57 (1965), p. 60.

²⁹ *Ibid.*, n. 65: AAS 57 (1965), p. 64.

³⁰ Concílio Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n. 103: AAS 56 (1964), p. 125; cf. Missal Romano, dia 15 de Agosto, Assunção de Nossa Senhora, Prefácio.

mente a Deus e aos irmãos e a oferecerem-se generosamente a si mesmos; a orar com perseverança e a pedir com confiança; a mostrarem-se misericordiosos e humildes; a guardar a lei do Senhor e a fazer a Sua vontade; a amar a Deus em todos e sobre todas as coisas; a guardar com vigilância o Senhor que vem.

18. Na celebração das missas de Santa Maria, os presbíteros e todos os que têm uma função pastoral procurem principalmente que os fiéis compreendam que o sacrifício eucarístico é o memorial da morte e da ressurreição de Cristo e convidem-nos a participar plena e activamente; mas não descurem de modo algum de mostrar o valor exemplar que dimana da figura de Santa Maria, a qual ajuda muito os fiéis a santificarem-se.

II

NATUREZA DA «COLECTÂNEA DAS MISSAS»

19. A *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria* aprovada pelo Sumo Pontífice João Paulo II e promulgada pela Congregação para o Culto Divino, propõe-se em primeiro lugar fomentar, no culto a prestar à Bem-Aventurada Virgem Maria, celebrações que sejam ricas em doutrina, sejam recomendadas pela variedade de matéria e comemorem convenientemente os acontecimentos de salvação realizados pelo Senhor Deus na Santíssima Virgem, tendo em vista os mistérios de Cristo e da Igreja.

20. A «colectânea de missas» é composta em grande parte pelos formulários das missas de Santa Maria, que se encontram nos *Próprios das missas* das Igrejas particulares ou dos Institutos religiosos ou do próprio *Missal Romano*.

21. A «colectânea de missas» é destinada, em primeiro lugar:

— aos santuários marianos, onde a missa de Santa Maria é frequentemente celebrada, observadas as indicações que se encontram a seguir nos nn. 29-33;

— às comunidades eclesiais que, nos sábados do tempo «comum», desejam celebrar a missa da Bem-Aventurada Virgem Maria, observadas as indicações que se encontram a seguir, no n. 34.

O uso da «Colectânea das Missas», como se indica a seguir no n. 37, é permitido naqueles dias em que, de acordo com a *Intro-*

dução Geral do Missal Romano, se podem celebrar as «missas facultativas»³¹.

22. A promulgação da *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria* não introduz nenhuma mudança no *Calendário Geral Romano*, promulgado no dia 21 de Março de 1969, ou no *Missal Romano*, publicado em segunda edição típica em 27 de Março de 1975, ou no *Leccionário da Missa*, publicado em segunda edição no dia 21 de Janeiro de 1981, nem, finalmente, na disciplina vigente das rubricas.

III

ESTRUTURA DA «COLECTÂNEA DAS MISSAS»

23. A Igreja, no decurso do ano litúrgico, celebra organicamente todo o mistério de Cristo: desde a predestinação eterna em virtude da qual Cristo, Verbo Encarnado, é constituído princípio e cabeça, fim e plenitude do género humano e de toda a criação, até à Sua segunda vinda gloriosa, quando tudo for aperfeiçoado n'Ele «para que Deus seja tudo em todos» (1 Cor 15, 28)³².

24. Mas porque a Santíssima Virgem está associada ao mistério de Cristo por um estritíssimo vínculo, a *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria* foi disposta de acordo com a ordenação do ano litúrgico. Daí que os quarenta e seis formulários da «Colectânea», sobretudo em razão do mistério que celebram, estão distribuídos pelo tempo do ano litúrgico: no tempo do Advento (três formulários) no tempo do Natal (seis formulários), no tempo da Quaresma (cinco formulários), no tempo Pascal (quatro formulários), no tempo «comum» (vinte e oito formulários).

Os formulários do tempo «comum», porém, estão distribuídos por três secções, das quais a *primeira* inclui onze formulários para a celebração da memória da Mãe de Deus sob invocações principalmente tiradas da Sagrada Escritura ou mostrando a ligação d'Ela com a Igreja; a *segunda* inclui nove formulários para honrar a me-

³¹ Cf. n. 316.

³² Cf. Conc. Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n. 102: AAS 56 (1964), p. 125; Calendário Romano Geral, Edição Típica, Tipografia Poliglota Vaticana, p. 8, MCMLXIX cap. I. O Ano Litúrgico, n. 1, p. 11.

mória da Mãe do Senhor sob invocações que significam a cooperação d'Ela no fomento da vida espiritual dos fiéis; a *terceira* propõe oito formulários para celebrar a memória de Santa Maria sob invocações que mostram a sua misericórdiosa intercessão em favor dos fiéis.

Esta ordenação das missas faz com que a importância e os modos da cooperação da Santíssima Virgem na obra da salvação sejam celebrados de modo aptíssimo também pelo tempo litúrgico e se evidencie que a Mãe do Senhor se associa intimamente à missão da Igreja.

25. A «colectânea das missas», segundo o costume da liturgia Romana, é constituída por dois volumes:

— o primeiro contém os textos eucológicos, antifonas de entrada e da comunhão e, em apêndice, algumas fórmulas para a bênção solene a dar no fim da missa;

— o segundo inclui as leituras bíblicas para cada missa indicadas com o salmo responsarial e aleluia ou versículo antes do evangelho.

26. No segundo volume, para favorecer a preparação da celebração eucarística, precede cada formulário uma introdução de índole histórica, litúrgica, pastoral, na qual se expõe brevemente a origem da memória ou título da Santíssima Virgem, se indicam, de vez em quando, as fontes do formulário, se explica a doutrina que emana dos textos bíblicos e eucológicos.

IV

USO DA «COLECTÂNEA DAS MISSAS»

27. A *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria* deve ser utilizada rectamente em todos os lugares e por todos, para que se alcance o fim pastoral que se propõe.

Tempo a observar no ano litúrgico

28. Para uma utilização correcta da «Colectânea das missas» é preciso, antes de tudo, que o sacerdote que celebra respeite os tempos do ano litúrgico. Deste modo, os formulários das missas devem ser utilizados, como regra, no tempo litúrgico que lhes está indicado. Por uma causa justa, porém, alguns formulários podem ser utilizados também noutro tempo litúrgico, como por exemplo:

— a missa de «Santa Maria de Nazaré», incluída no número das missas do tempo do Natal (n. 8), também pode ser celebrada convenientemente no «tempo comum», se a assembleia dos fiéis quiser venerar a vida vivida pela Virgem de Nazaré e o seu valor como exemplo;

— a missa da «Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe da Reconciliação», que se encontra no número dos formulários do tempo da Quaresma (n. 14), usar-se-á apropriadamente também no «tempo comum», quando a Eucaristia é celebrada para mover a um sentido de reconciliação e de concórdia.

Ao contrário, algumas missas, como a missa da «Bem-Aventurada Virgem Maria na Epifania do Senhor» (n. 6) ou a missa da «Bem-Aventurada Virgem Maria na ressurreição do Senhor» (n. 15), em razão da peculiar afinidade com o tempo litúrgico, não se devem celebrar, uma fora do tempo do Natal, e a outra, fora do tempo pascal.

A. **Uso da «Colectânea das missas» nos santuários marianos**

29. A *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria*, como foi dito antes, no n. 21, destina-se, antes de tudo, aos santuários marianos para que neles seja fomentada a autêntica piedade para com a Mãe do Senhor e seja imbuída do verdadeiro espírito litúrgico.

Isto será de grande utilidade para as Igrejas particulares, das quais a actividade pastoral é fortemente sustentada e fomentada pelas iniciativas e obras que se realizam nos santuários dedicados à Bem-Aventurada Virgem. Pois nos santuários — como preceitua o Código de Direito Canónico — devem ser oferecidos aos fiéis mais abundantemente «os meios da salvação, a Palavra de Deus anunciada com diligência, incrementando a vida litúrgica, principalmente pela celebração da Eucaristia e da penitência, e cultivando formas aprovadas de piedade popular»³³.

30. A celebração da Eucaristia é o cume e como que o centro de toda a acção dos santuários: desejam participar nela especialmente os peregrinos que se reúnem frequentemente nos santuários, os grupos que por causa da oração ou do estudo se reúnem neles, os fiéis que os visitam singularmente para que orem a Deus instantemente ou se entreguem à contemplação.

³³ Código de Direito Canónico, can. 1234.

Pelo que, na celebração da Eucaristia, deve diligenciar-se para que a acção litúrgica, acomodada às circunstâncias especiais dos fiéis e dos grupos se torne modelo, e se ofereça uma imagem da Igreja como comunidade genuína que celebra os divinos mistérios³⁴.

31. Deste modo a Congregação para o Culto Divino costuma conceder aos santuários marianos a faculdade de celebrar mais frequentemente a missa da Bem-Aventurada Virgem Maria.

Pelo que diz respeito ao uso da *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria*, observe-se o que se segue:

a) tendo em conta o ano litúrgico, as missas que se encontram na «Colectânea das missas» podem ser celebradas todos os dias além daqueles que estão mencionados nos nn. 1-6 do *Calendário dos dias litúrgicos*³⁵;

³⁴ Cf. Conc. Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n. 2: AAS 56 (1964), pp. 97-98.

³⁵ Nos números 1-6 do *Calendário* (Calendário Romano Geral, n. 59, pp. 20-21) estão indicados:

1. O Tríduo Pascal da Paixão e da Ressurreição do Senhor.
2. O Natal do Senhor, Epifania, Ascensão e Pentecostes.
Domingos do Advento, Quaresma e Páscoa.
A Quarta-feira de Cinzas.
Os dias feriais da Semana Santa, desde a segunda à quinta-feira, inclusive.
3. As solenidades do Senhor, da Bem-Aventurada Virgem Maria, e dos Santos, indicadas no calendário geral.
A Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.
4. As solenidades próprias, ou seja:
 - a) A solenidade do Padroeiro principal do lugar, da fortaleza ou cidade.
 - b) A solenidade da dedicação e aniversário da dedicação da igreja própria.
 - c) A solenidade do Titular da igreja própria.
 - d) Solenidade do Titular,
ou do Fundador,
ou do Patrono principal da Ordem ou Congregação.
5. Na festa do Senhor indicada no calendário geral.
6. Os domingos do tempo do Natal e domingos do «tempo comum».

b) todavia, a faculdade de que se trata na letra a) é concedida *somente* aos sacerdotes peregrinos ou todas as vezes que a missa é celebrada em benefício de peregrinos;

c) no tempo do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa, a não ser que se trate duma celebração com carácter de *festa* ou *solenidade*, acrescentem-se as leituras bíblicas que estão indicadas para cada dia no Leccionário.

«Missa própria» do santuário

32. A relação dos textos da «missa própria» com o título especial com que é venerada no santuário a Santíssima Virgem faz com que os peregrinos sacerdotes e fiéis desejem celebrá-la habitualmente.

Deve evitar-se, contudo, que, sem ter em conta nada acerca dos diversos tempos do ano litúrgico, seja celebrada exclusivamente a «missa própria» do santuário. É preciso, na verdade, que o formulário da missa varie inteligentemente para que, pela própria celebração da Eucaristia, se apresente aos fiéis o conjunto de toda a história da salvação e dos nexos pelos quais Santa Maria está unida ao mistério de Cristo e da Igreja.

33. A título de exemplo, indicam-se aqui alguns casos nos quais, em vez da «missa própria» do santuário, será oportuno usar os formulários da «Colectânea das missas»:

a) quando, no tempo do Advento, do Natal, Quaresma, Páscoa, os formulários, que são propostos para cada um dos tempos, estão perfeitamente de acordo com os mistérios de Cristo que então se celebram;

b) quando o formulário da «Colectânea das missas» diz melhor respeito às condições e circunstâncias da Igreja local ou de cada grupo de peregrinos;

c) quando um determinado grupo de peregrinos permanece durante alguns dias no santuário ou vai aí muitas vezes,

B. Uso da «Colectânea das missas» na memória de Santa Maria «ao sábado»

34. A *Colectânea das missas em honra da Bem-Aventurada Virgem Maria*, como foi dito acima, no n. 21, destina-se também às comunidades eclesiais que, «nos sábados do tempo comum, nos

quais não ocorrer uma memória obrigatória»³⁶, celebram frequentemente a memória de Santa Maria, e, portanto, desejam ter um amplo formulário de missas à disposição.

35. O costume de dedicar o dia de sábado à Bem-Aventurada Virgem Maria, originado nos mosteiros carolíngios nos finais do século VIII, estendeu-se rapidamente a toda a Europa³⁷, foi também recolhido nos livros litúrgicos de muitas Igrejas particulares e tornou-se como que um património das Ordens religiosas de vida apostólica e evangélica, as quais começaram a florescer no princípio do século XIII.

Na restauração litúrgica que se seguiu ao Concílio de Trento, o costume de celebrar a memória de Santa Maria «ao sábado» foi incluído no *Missal Romano*.

A restauração litúrgica do Concílio Vaticano II, porém, acrescentou nova luz e novo vigor à memória da Bem-Aventurada Virgem Maria «ao sábado»; fez com que ela pudesse ser celebrada mais vezes, aumentou o número dos formulários e das leituras, e restaurou os textos eucológicos.

36. A memória de Santa Maria «ao sábado», em muitas comunidades eclesiais é celebrada como introdução ao «dia do Senhor»; as quais, quando se preparam para celebrar a memória semanal da ressurreição do Senhor, contemplam com veneração a Bem-Aventurada Virgem que, no «grande dia de sábado», enquanto Cristo jazia no sepulcro, unicamente fundada na fé e na esperança, só diante de todos os discípulos, esperou em vigília a Sua ressurreição³⁸.

Esta memória de Santa Maria «antiga (...) e discreta»³⁹ acontecendo também no oitavo dia, como que recorda e sugere que a Bem-Aventurada Virgem está constantemente presente e operante na vida da Igreja.

³⁶ Cf. Calendário Romano Geral, cap. I. *O Ano Litúrgico*, n. 15, p. 13.

³⁷ Cf. Bernardus Constantiensis, *Micrologus de ecclesiasticis observationibus*, cap. 60: PL 151, 1020.

³⁸ Cf. Humbertus de Romanis, *De vita regulari*, cap. XXIV. Porque razão o sábado é atribuído à Bem-Aventurada Virgem, vol. II, Roma, Typis A. Befani, 1889, pp. 72-73.

³⁹ Paulo VI, Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, n. 9: AAS 66 (1974), p. 122.

**C. Uso da «Colectânea das missas»
nos dias em que é permitida a «missa ad libitum»**

37. Nos dias feriais do tempo comum, em que, de harmonia com a *Introdução Geral do Missal Romano*, são permitidas as «missas ad libitum»⁴⁰, ao sacerdote que celebra a missa com o povo e sem povo é concedida a faculdade de usar um dos formulários da «Colectânea».

Quando, porém, celebra com povo, ao escolher a missa, «o sacerdote procurará, antes de tudo, atender ao bem espiritual dos fiéis, e terá o cuidado em não lhes impor o seu gosto. Procurará principalmente não omitir as leituras indicadas para cada dia no Leccionário ferial, de modo frequente e sem causa suficiente: na verdade, a Igreja deseja que se prepare para os fiéis uma mesa mais abundante da palavra de Deus»⁴¹.

Recordem-se os sacerdotes e os fiéis, contudo, que uma genuína piedade mariana não exige que as celebrações das missas de Santa Maria se multipliquem, mas que em tudo isso — leituras, cânticos, homilia, oração universal, oblação do sacrifício... — se façam correctamente, com diligências e com vivo sentido litúrgico.

V

A PALAVRA DE DEUS NOS FORMULÁRIOS DA «COLECTÂNEA DAS MISSAS»

38. O objectivo peculiar de cada uma das memórias litúrgicas exprime-se e define-se tanto pelos textos eucológicos como pelos textos bíblicos. Donde se compreende porque na escolha dos textos da Sagrada Escritura tenha havido grande cuidado, já desde tempos remotos; mas é também manifesto porque razão da «Colectânea das missas», para cada formulário está indicado um «esquema de leituras» para a celebração da liturgia da palavra.

39. As leituras bíblicas da *Colectânea das missas da Bem-Aventurada Virgem Maria* constituem um amplo e variado «corpo»

⁴⁰ Cf. n. 316 c).

⁴¹ *Ibid.*; Leccionário da Missa, 2.^a Edição Típica, Libreria Editrice Vaticana, MCMLXXXI, *Preliminares*, n. 83, p. XXXVII; Concílio Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, n. 51: AAS 56 (1964), p. 114.

elaborado pelas comunidades eclesiais, tanto antigas como recentes, no decorrer dos séculos.

Neste «corpo bíblico» podem distinguir-se três gêneros de leituras:

a) leituras do Novo e do Antigo Testamento que se referem à própria vida ou missão da Bem-Aventurada Virgem Maria ou contêm profecias referentes a Ela;

b) leituras do Antigo Testamento, que mais antigamente são aplicadas a Santa Maria. Na verdade, a Sagrada Escritura da Nova e da Antiga Aliança foi considerada pelos Santos Padres como um corpo, cheio do mistério de Cristo e da Igreja. Pelo que os acontecimentos, figuras ou alguns símbolos do Antigo Testamento preanunciam ou evocam admiravelmente a vida e missão da Bem-Aventurada Virgem Maria, filha de Sião e Mãe de Cristo;

c) as leituras do Novo Testamento que não se referem à própria Bem-Aventurada Virgem, mas que são propostas para celebrar a sua memória, para pôr em destaque que em Santa Maria, primeira e perfeita discípula de Cristo, brilharam de modo admirável as virtudes — a fé, a caridade, a esperança, a humildade, a misericórdia, a pureza de coração — que são exaltadas no Evangelho.

40. Pelo que diz respeito às leituras que são indicadas para cada formulário na «Colectânea das missas», observe-se o que se segue:

a) propõem-se apenas duas leituras: a primeira do Antigo Testamento ou do Apóstolo (isto é, das Epístolas ou do Apocalipse), no tempo pascal, porém, dos Actos dos Apóstolos ou do Apocalipse; a segunda, do Evangelho;

b) se, porém, o sacerdote, de acordo com os fiéis, deseja proclamar três leituras na missa, em especiais celebrações mais solenes, a leitura a acrescentar tira-se dos textos que constam do Apêndice do *Leccionário* da «Colectânea das missas», observadas aquelas indicações que estão nos Preliminares do *Leccionário da Missa*, nn. 78-81 («Princípios a ter em conta no uso do Leccionário»);

c) as leituras, que estão indicadas na «Colectânea das missas» para cada um dos formulários, serão ordinariamente apropriadíssimas para celebrar uma memória da Santíssima Virgem. É concedida aos celebrantes, porém, a faculdade de as substituir por outras leituras apropriadas escolhidas livremente de entre aquelas que

estão no *Comum da Santíssima Virgem Maria* ou no Apêndice do *Leccionário* desta Colectânea das missas»⁴².

41. Pelo que diz respeito à liturgia da palavra, tenha-se em conta o seguinte:

a) no tempo do Advento, Natal, Quaresma e Páscoa, para que a «leitura seguida» da Sagrada Escritura não seja interrompida ou não sejam descuidadas muitas vezes as leituras que exprimem uma índole peculiar do tempo litúrgico, acrescentem-se leituras que estão indicadas a cada dia no *Leccionário* do tempo, salva a faculdade concedida antes, no n. 31;

b) no «tempo comum» compete ao sacerdote celebrante, de acordo «com os ministros que se desempenham de alguma função na celebração, sem de modo algum excluir os fiéis»⁴³, decidir se é preferível escolher as leituras da «Colectânea das missas» ou do *Leccionário* do tempo.

VI

AS ADAPTAÇÕES

42. Pertence às Conferências Episcopais cuidar da tradução dos formulários da «Colectânea das missas» nas línguas vernáculas, de acordo com as normas vigentes para as interpretações populares⁴⁴, de tal modo que se adaptem à índole das várias palavras e ao espírito das culturas, acrescentadas, todas as vezes que parecer oportuno, melodias apropriadas para o canto.

43. Também pertence às Conferências Episcopais incluir, num apêndice apropriado, os formulários já aprovados das missas da Santíssima Virgem sob cujos títulos Santa Maria é especialmente venerada pelos fiéis de toda ou parte da região ou nação.

*Tradução não oficial de Fernando Silva
(continua)*

⁴² Cf. *Leccionário da Missa, Comum da Santíssima Virgem Maria*, nn. 707-712, pp. 325-327; cf. vol. II, Apêndice, nn. 1-21, pp. 183-215.

⁴³ *Introdução Geral do Missal Romano*, n. 313; cf. *Leccionário da Missa, Preliminares*, n. 78, pp. XXXV-XXXVI.

⁴⁴ Cf. Conselho para a execução da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *De popularibus interpretationibus conficiendis*; *Notitiae* 5 (1969), pp. 3-12; Sagrada Congregação dos Sacramentos e Culto Divino, *Carta aos Presidentes das Conferências Episcopais acerca das línguas vernáculas a introduzir na sagrada liturgia*; *Notitiae* 12 (1976), pp. 300-302.

Maria na Catequese Litúrgica de Santo Agostinho

INTRODUÇÃO

Os cristãos só adoram a Deus. O seu culto é sempre dirigido ao Pai, por mediação de Cristo, na força e na unidade do Espírito Santo. É essa a fé que se exprime no final de todas as orações litúrgicas, nomeadamente da mais fundamental de todas elas, a Oração eucarística: «Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre, na unidade do Espírito Santo».

Sendo assim, como pode justificar-se que Maria seja invocada por muitos cristãos nas suas necessidades, e deles receba manifestações de veneração? Não está isso em contradição com a fé?

Os cristãos não adoram Maria. Eles sabem que só Deus pode e deve ser adorado. Mas como o Novo Testamento afirma que foi por misteriosa escolha de Deus que a Virgem de Nazaré se tornou a Mãe de Jesus, guiados pelo Espírito eles descobriram o lugar excepcional de Maria no Mistério de Cristo e na História da Salvação. Sem jamais a confundirem com Deus, porque reconhecem que ela é apenas criatura, tiveram sensibilidade espiritual para descobrir que se trata de criatura muito particular aos olhos de Deus. E o culto de veneração que desde muito cedo começaram a prestar-lhe tornou-se até, com o andar dos tempos, sinal distintivo da ortodoxia da fé. É por isso que a Igreja Católica e ainda mais as Igrejas Ortodoxas lhe reservam lugar de grande relevo nas expressões litúrgicas e na piedade popular.

Começou muito cedo o culto dos cristãos à Mãe de Jesus. Mas foi só a partir do século V que ele se desenvolveu. Para isso contribuiu o Concílio de Éfeso (431) ao proclamar que Maria deve

ser chamada verdadeira Mãe de Deus, e a pregação de grandes bispos, entre os quais ocupa lugar de primeiro plano Santo Agostinho.

1. SANTO AGOSTINHO E OS SEUS SERMÕES

1.1 Agostinho de Hipona

Santo Agostinho recebeu os sacramentos da iniciação cristã aos trinta e dois anos, na Vigília pascal de 387, no baptistério da Catedral de Milão. A conversão deu-se em Agosto de 386, no jardim da casa dum amigo seu, nessa mesma cidade. Foi catecúmeno, em sentido próprio, menos de um ano.

A data do seu nascimento, em 354, o baptismo das crianças era pouco frequente. Sua mãe limitara-se a marcá-lo com o sinal da cruz e a dar-lhe o sal do acolhimento no catecumenado, que Agostinho não viria a frequentar.

Depois do baptismo regressou a África, donde era natural, e fundou uma comunidade de monges em Tagaste, sua terra natal.

Passados alguns anos veio a ser bispo de Hipona, cidade onde desenvolveu intensa actividade como pensador, teólogo e pastor da sua Igreja, e onde adormeceu em Cristo no dia 28 de Agosto de 430.

1.2 Os sermões de Santo Agostinho

Chamamos «sermões» de Santo Agostinho às homilias que ele pregou como presbítero, a pedido do seu bispo, e como bispo, na sua Igreja e nas Igrejas de outros bispos que frequentemente o convidavam. Muitos dos comentários aos Salmos e vários dos seus tratados sobre o Evangelho de São João foram pronunciados como sermões.

Presume-se que Santo Agostinho tenha pregado cerca de 8.000 vezes. Desses milhares de sermões só se conservaram 546. Muitos ter-se-ão perdido para sempre, e outros nunca terão sido postos por escrito.

A classificação dos 546 sermões de Santo Agostinho foi feita pelos Mauristas, beneditinos do século XVII, que os repartiram por assuntos. Actualmente conhecem-se 59 sobre o Antigo Testamento, 175 sobre o Novo Testamento, 148 sobre os tempos litúrgicos, 102 sobre festas de santos e 62 para diversas circunstâncias.

1.3 Porquê ler ainda hoje esses sermões

Os sermões de Santo Agostinho começaram a ser lidos em vida dele e continuam a ser lidos hoje. Qual será o segredo dessa perenidade? Haverá razões especiais que a justifiquem?

Não temos dúvidas sobre isso. Entre outras indicamos estas, certos de que não as enumeramos todas:

a) Os sermões de Agostinho contêm o ensinamento dum sucessor dos Apóstolos, cujo dever principal é ensinar a doutrina recebida, sem nada lhe acrescentar nem subtrair;

b) Encontramos neles a seiva dos primeiros tempos cristãos, expressa numa espiritualidade simultaneamente bíblica e litúrgica, doutrinal e moral, catequética e ecuménica, reunida com harmonia;

c) Quem os pregou era um homem cheio de experiência, um cristão ao mesmo tempo muito inteligente e muito sensível, que viveu no erro mas reencontrou a verdade em meio de uma incessante procura, o que o torna sempre actual.

2. MARIA NOS SERMÕES DE SANTO AGOSTINHO

2.1 Uma ausência não casual

Ao lermos os escritos litúrgicos de Santo Agostinho ficamos surpreendidos por não achar neles qualquer referência a festas celebradas em honra da Mãe do Senhor, quando são tantas as que ele próprio celebrou nos aniversários dos mártires cristãos.

Esta ausência não é devida ao acaso, nem tão pouco uma particularidade da Igreja de Hipona, onde o grande bispo pregou a maior parte dos seus sermões. É certo que corriam histórias sobre a juventude e os últimos anos da Virgem de Nazaré, que os cristãos escutavam com avidez. Também é certo que todos os anos, por ocasião das festas do Natal, Agostinho cantava os louvores de Maria. No entanto não se lhe prestava culto litúrgico.

O seu nome figurava no Símbolo da fé, ao proclamar-se que Jesus Cristo, Filho único de Deus, «nasceu da Virgem Maria», e os evangelhos apócrifos pretendiam contar a vida da Mãe de Jesus com cores muito vivas mas também muito pueris. Não obstante tudo isto, a liturgia não lhe dedicava nenhuma festa. Optava pela discreção sobre Maria, tal como faziam os relatos evangélicos.

As causas de tal silêncio há que buscá-las não na liturgia mas na ausência de reflexão teológica dos bispos e dos concílios

sobre a natureza humana de Cristo, que Maria dera à luz. Foi só quando a personalidade de Cristo, Deus e homem verdadeiro, se impôs à consciência da Igreja, que se olhou também com maior profundidade para Maria. E só então ela começou a aparecer a outra luz, tanto na teologia, como na celebração da fé.

2.2 Maria, a cheia de graça

O bispo de Hipona sabe que Maria não cometeu pecado. Conhece os seus privilégios e a sua virgindade: «Foi virgem ao conceber, virgem ao dar à luz, virgem durante o parto, virgem depois do parto, sempre virgem. Por que te maravilhas, ó homem? Uma vez que Deus Se dignou ser homem, convinha que nascesse assim» (Sermão 186, 1).

Mas Agostinho sabe também que tudo isto aconteceu em Maria por pura graça: «Donde te vem tudo isto? pergunta ele dirigindo-se à Virgem». E acrescenta: «A minha pergunta parece pouco sensata, e não convém que a minha pobre voz ofenda os ouvidos tímidos. Mas eis que a Virgem, dirigindo-me uma advertência, me responde com toda a modéstia: Queres saber donde me vem tudo isso? Coro ao responder-te a um tal assunto, que é o meu segredo. Escuta a saudação do Anjo e reconhece em mim também a tua salvação. Crê naquele que eu creio. Por que me fazes perguntas? O Anjo que te responda. — Diz-me, pois, ó Anjo, donde vem esta glória a Maria? E ele respondeu-me: já o disse quando a saudei: Avé Maria, cheia de graça» (S. 291, 6).

2.2 Maria figura da Igreja

É sobretudo nos sermões do Natal que Santo Agostinho celebra Maria como figura da Igreja, Virgem e Mãe fecunda: «Alegramo-nos, irmãos. Alegrem-se e exultem os povos. Este dia de Natal não foi o sol invicto que o tornou sagrado para nós, mas o seu Criador invisível quando, das entranhas fecundas e na integridade de seus membros, uma Virgem deu ao mundo, tornado visível para nós, o seu Criador invisível» (S. 186, 1). «O mais belo entre os filhos dos homens tornou a sua esposa, a Igreja, semelhante a sua Mãe, porque Ele fez da Igreja, mãe para nós, e conservou-lhe para Si próprio a virgindade» (S. 195, 2). «Celebremos, pois, com alegria, o dia em que Maria deu à luz o Salvador. A Igreja, virgem santa, celebra hoje o parto da Virgem. A virgindade que

Cristo pensava abrigar no coração da sua Igreja, antecipou-a no corpo de Maria. A Igreja não poderia ser virgem, se o esposo que lhe foi entregue não tivesse sido filho de uma Virgem» (S. 188, 4).

2.4 Maria, mulher de fé incomparável

Mas a maior parte do tempo, aquilo que Santo Agostinho canta em Maria é a sua fé incomparável: «Acreditemos em Jesus Cristo, nosso Senhor, nascido do Espírito e da Virgem Maria, pois foi acreditando que ela concebeu Aquele a quem deu à luz. Depois das palavras do Anjo, ela, cheia de fé e tendo concebido a Cristo na mente, antes de O conceber no seu seio, disse: Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra. Nasça do Espírito Santo e de uma mulher virgem, Aquele por quem a Igreja, virgem também, renascerá do Espírito Santo. Desta forma, nascido naquela carne, quando era pequeno, saiu dum ventre fechado, e na mesma carne, quando era grande, já ressuscitado, entrou onde estavam os Apóstolos, com as portas fechadas. Estas coisas são maravilhosas, porque são divinas, e inefáveis porque são imperscrutáveis. A boca do homem não é suficiente para as explicar, porque o coração dele é pequeno para as investigar. Maria acreditou, e cumpriu-se nela o que acreditara. Acreditemos nós também, para que possa ser-nos útil o que nela se realizou» (S. 215, 4).

Para Santo Agostinho, Maria foi maior pela sua fé do que pela sua maravilhosa maternidade. O seu Filho honrou-a quando replicou à mulher que a louvou do meio da multidão: «Felizes antes aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a guardam». Já antes o Espírito fizera com que Isabel proclamasse Maria feliz por ter acreditado. Ninguém mais do que Maria foi, pela fé, verdadeira filha de Abraão, que acreditou contra toda a esperança, e a quem foi dada a fé como justiça. Maria, disse um dia o grande bispo, foi feliz porque escutou e guardou a Palavra de Deus, pelo que é legítimo concluir que é melhor ter a verdade de Cristo no espírito, do que a carne de Cristo no corpo (Cf. Sermão Denis 27, 7).

2.5 Maria espelho das virgens

O ideal evangélico da virgindade exerceu sempre grande atracção entre as jovens cristãs. Continuando a viver em casa de suas famílias, ou juntando-se a outras jovens e retirando-se para

lugares de silêncio onde levavam vida comum, entregues à oração, à leitura da Palavra e à contemplação das belezas de Deus, as virgens cristãs, antepassadas das religiosas dos séculos posteriores, viam em Maria aquela que as precedera na entrega incondicional nas mãos de Deus.

Santo Agostinho falava-lhes, em muitos dos seus sermões, da virgindade de Maria: «Exultai de alegria, virgens de Cristo. A Mãe do Senhor é vossa companheira. Não podeis dar à luz, mas por Cristo renunciastes a dar à luz. Aquele que não nasceu de vós, nasceu para vós. No entanto, se vos recordais da sua palavra, também vós sois suas mães se fazeis a vontade de seu Pai, pois foi ele que disse: quem fizer a vontade de meu Pai, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe. Na pessoa de Maria, as virgens piedosas dão Cristo à luz» (S. 192, 2).

CONCLUSÃO

Esta brevíssima recolha de textos de Santo Agostinho sobre o mistério de Maria permite-nos descobrir que, na sua pregação marial, ele se deixava conduzir pela Palavra de Deus. Na boca do bispo de Hipona, Maria aparece principalmente como aquela que acolhe a voz do Senhor, que acredita como nenhuma outra pessoa, que como mais ninguém confia em Deus e O põe acima, muito acima de todas as coisas.

Os pensamentos que ele desenvolveu sobre Maria eram fruto do ensino da tradição, das suas investigações teológicas e da sensibilidade com que o Senhor o dotara e que, mais do que noutros momentos, ele exprimia no decorrer das celebrações litúrgicas.

Um dia, essas intuições geniais perderão a harmonia de que ele as soube revestir, e o jardim mariano medieval virá a encher-se de flores de grande beleza, mas ao mesmo tempo de enormes exageros, pois os pregadores da Idade Média não souberam manter o equilíbrio de Santo Agostinho ao falar da Mãe de Jesus.

Ele, ao contrário, soube falar dessa mulher escolhida por Deus para Mãe de seu filho com exactidão, sobriedade e solidez, e teve a arte de envolver tudo quanto dela dizia em calor humano e evangélico, que lhe brotava da inteligência e do coração, mas se alimentava abundantemente da Palavra da Escritura.

JOSÉ DE LEÃO CORDEIRO

A propósito de antigo Caminho de Peregrinação Português

Dentro do recinto fortificado de Braga foi erguida a primeira catedral portuguesa, como lugar privilegiado de encontro entre o comendatário e o artista. Favorecida a sua construção pelo Conde D. Henrique com o objectivo de elevar Braga à plena condição de sede metropolitana, existiu a necessidade prática de dotar o centro espiritual da nação portuguesa com um edifício idóneo, uma vez que a cidade possuía um mínimo de circunstâncias para conduzir política e religiosamente o país. Desta maneira se consolidaram as suas próprias aspirações temporais a partir da condição de domínio eclesiástico. Muito transformada, como sucedeu com a catedral do Porto, o seu estudo oferece sérias dificuldades. A construção principiou na época do bispo D. Pedro e foi continuada pelos seus sucessores, admitindo-se a existência de um plano primitivo para uma cabeceira com cinco capelas (depois reduzido a três). Lacenda colocou com justeza a questão de saber até que ponto o Conde não estava dominado pela ideia de erguer um templo rival do compostelano.

A catedral que melhor se conserva é a de Coimbra. Iniciada pelo prelado francês Bernardo, durante o reinado de D. Afonso Henriques, foi concluída pelo bispo Miguel Salomão (1162-1176). É considerada o edifício mais significativo do românico português e um verdadeiro templo-fortaleza, à semelhança da Sé de Lisboa, como corresponde a um ambiente da Reconquista. Trata-se de um exemplar de três naves, as laterais com abóbada de arestas, sobre a qual se dispõe um trifório com abóbada de meio canhão. Se para Gaillard o seu esquema procede de um modelo auvernês, Timers, Dieulafov e Lambert avaliaram-na como imitação evidente e tardia da compostelana, tal como a de Évora, começada esta em 1186. É evidente que a sé velha de Coimbra possui ascendência francesa,

e Nogueira Gonçalves não encobriu que o seu mestre Roberto conheceu Clermont, Conques, Toulouse, Orcival, Issoire... Compostela. Além disso, também se relaciona este mestre com a catedral de Lisboa, erigida em 1147-1150. Com nártex enquadrado por duas torres, esquema adoptado seguidamente no edifício eborense, e com as suas fachadas coroadas por ameias, tal como a conimbricense, é de aspecto acusadamente militar.

Porto, à semelhança de Viseu, Lamego e Guarda, dispôs de uma catedral de menores dimensões, como corresponde à sua condição de terceira cidade, a certa distância de Braga e Coimbra, seguida talvez por Chaves. O seu plano primitivo justifica-se, possivelmente, em relação com os esquemas dos edifícios surgidos de acordo com as necessidades peregrinatórias. Reproduzindo um modelo francês, como a primitiva catedral de Braga, apresenta, porém, a variante de uma cabeceira de três capelas radiais. Quanto aos janelões e pórtico conservados, Ferreira de Almeida inclinou-se a considerá-los como estímulos limusinos, mais tarde afirmados em Cedofeita, Águas Santas e Travanca. Construída em tempos do bispo francês Hugo, antigo colaborador de Gelmírez, as suas obras foram igualmente impulsionadas pelos donativos de D. Afonso Henriques.

Os investigadores que se têm dedicado ao estudo do românico português insistem em ressaltar uma personalidade marcada que se iniciou nas igrejas nortenhas e que prosseguiu, ao compasso da Reconquista e da formação do reino, no seu avanço para o Sul, sem se afastar das grandes artérias viárias. Talhada em granito da região setentrional e, depois, nos materiais específicos de cada zona que alcança, parece responder a um conceito de arquitectura verdadeiramente nacional, erguendo-se muitas vezes em locais de relevo acidentado.

Finalmente, há algo que se nos afigura como ingrediente de união do grupo das catedrais e o das igrejas do românico rural, o seu triple carácter religioso, político e social, visto que o edifício, além de ser lugar de culto, também o é de reunião para tratar assuntos da comunidade, assim como de abrigo e de encontro e, ainda, de defesa. A fronteira da Reconquista vai-se distanciando cada vez mais, mas tal avanço não parece implicar um clima de tranquilidade nas paragens do Norte, não muito distantes do reino castelhano-leonês. Por isso, também devido a razões de defesa, caberia justificar estas sólidas construções, as fachadas com mer-

lões de algumas catedrais com perfil de fortaleza ou as torres de atalaia em Travanca ou Paço de Sousa, aspectos que tanto contribuem para acentuar um cunho militar.

MANUEL NÚÑEZ RODRÍGUEZ
JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

II Reunião da Comissão Episcopal de Liturgia com as Comissões e Secretariados Diocesanos de Liturgia

Efectuou-se no Santuário de Fátima, no dia 16 de Maio do ano corrente, a II Reunião da Comissão Episcopal de Liturgia com as Comissões e Secretariados Diocesanos de Liturgia.

Presidiu o sr. D. António Francisco Marques, na sua qualidade de Presidente da CEL, e estiveram representadas as seguintes dioceses: Aveiro, Braga, Coimbra, Évora, Guarda, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal e Viana do Castelo.

Depois de uma breve saudação do Presidente, que aproveitou a circunstância para esclarecer os objectivos deste encontro, cada secretariado descreveu a sua situação e apresentou os problemas reais que enfrenta. Há secretariados que ainda se não encontram estruturados, outros que estão em curso de reestruturação e outros ainda que vão ser instituídos.

Dentre os problemas apresentados, alguns são comuns: falta de ministros nas assembleias litúrgicas devidamente preparados, escasez de livros que possam contribuir para esta preparação, insuficiente formação litúrgica a vários níveis, excesso de criatividade sem critério, celebrações transmitidas pela rádio e pela televisão sem a necessária qualidade, e, apesar do esforço já feito, dificuldade em descobrir músicas capazes para as várias situações. Também se sente a falta de livros acessíveis às pessoas menos instruídas. Foi bastante rica a partilha destas experiências e das iniciativas que se vão assumindo para encontrar as soluções mais adequadas aos diversos meios.

Na segunda parte da reunião, os participantes apresentaram os seus projectos, centrados prioritariamente na formação dos agentes litúrgicos, os quais prevêem a realização de cursos a nível diocesano ou arciprestal, o aproveitamento dos encontros nacionais, a sensibilização das comunidades locais e uma utilização mais criteriosa dos meios de comunicação social, a começar por aqueles que gravitam na esfera da Igreja.

Da Comissão Episcopal e do Secretariado Nacional de Liturgia, os participantes reconheceram o trabalho feito e pediram que se prestasse maior atenção à preparação de livros de formação e de música litúrgica, tendo em conta a diversidade cultural das nossas assembleias. A falta do Missal de Altar e de alguns outros livros litúrgicos foi devidamente explicada, mas não deixou de ser sentida a sua necessidade e urgência.

É de justiça referir que esta reunião decorreu em ambiente de grande cordialidade e que os participantes mostraram, de modo unânime, o seu desejo de que encontros destes se façam todos os anos.

II Encontro das Comissões Nacionais de Liturgia dos Países de Língua Portuguesa

Nos dias 6, 7, 8 e 9 de Junho de 1988, estiveram reunidas no Santuário de Fátima, as Comissões Nacionais de Liturgia dos Países de Língua Portuguesa, tendo participado:

D. ZACARIAS KAMWENHO, Bispo de Novo Redondo e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia de Angola;

D. CLEMENTE JOSÉ CARLOS ISNARD, Bispo de Nova Friburgo e Responsável pela Liturgia na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil;

Frei ALBERTO BECKHAUSER, OFM, Assessor Nacional de Liturgia, Brasil;

P. JOSÉ CONSTANTINA BENTO, Representante do Bispo de Cabo Verde;

D. PAULO MANDLATE, Bispo de Tete e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia de Moçambique;

P. Dr. AMARO VALÉRIO MWITU, Secretário da Comissão Episcopal de Liturgia de Moçambique;

D. ANTÓNIO FRANCISCO MARQUES, Bispo de Santarém e Presidente da Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal;

D. JOAQUIM GONÇALVES, Bispo Coadjutor de Vila Real e Vogal da Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal;

Mons. ANÍBAL DE OLIVEIRA MARQUES RAMOS, Secretário da Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal;

Cón. JOSÉ DA COSTA FERREIRA, Assessor da Comissão Episcopal de Liturgia de Portugal;

P. ANTÓNIO DOS SANTOS MOREIRA, Representante do Bispo de S. Tomé e Príncipe.

1. O primeiro ponto da Agenda tratou das fórmulas essenciais da Missa e dos Sacramentos, em ordem à sua unificação na língua portuguesa.

Há três anos em Aparecida, Brasil, desbravou-se o terreno e conseguiu-se um consenso substancial, ainda que incompleto.

Existe, de resto, entre o Brasil e Portugal um acordo sobre as formas dialogadas da Missa. Este acordo foi obtido em Lisboa no princípio da reforma litúrgica do Vaticano II, em 1969, e procurou pôr em prática as orientações da Sé Apostólica para as traduções dos livros litúrgicos.

Desta vez, a reflexão recaiu principalmente sobre as fórmulas essenciais da Missa e dos Sacramentos da Confirmação e da Unção dos Doentes. Havia, com efeito, uma insatisfação generalizada relativamente a certas expressões das fórmulas destes dois Sacramentos, como se verificou mais uma vez em Aparecida, Brasil. Neste encontro de Fátima foram apresentadas várias propostas que, depois de um debate sério e construtivo, acabaram por ser enriquecidas e por merecer a aprovação dos participantes.

MISSA

Foi aprovada por unanimidade a seguinte **fórmula consecratória**:

TOMAI, TODOS, E COMEI:

ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.

TOMAI, TODOS, E BEBEI:

ESTE É O CALICE DO MEU SANGUE,

O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA,

QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS

PARA REMISSÃO DOS PECADOS.
FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.

A Doxologia final do Cânon ou Prece Eucarística recebeu, igualmente por unanimidade, a confirmação do texto já acordado no Brasil (1985):

POR CRISTO, COM CRISTO, EM CRISTO,
A VÓS, DEUS PAI TODO-PODEROSO,
NA UNIDADE DO ESPÍRITO SANTO,
TODA A HONRA E TODA A GLÓRIA,
AGORA E PARA SEMPRE.

Para os Ritos Finais foi apresentada a fórmula:
IDE EM PAZ E O SENHOR VOS ACOMPANHE, que recebeu a aprovação unânime dos participantes.

Para a respectiva resposta foram indicadas duas versões:
GRAÇAS A DEUS (que teve sete votos a favor) e
ÂMEN (que teve três votos favoráveis).

CONFIRMAÇÃO

Depois de uma demorada reflexão os participantes acordaram no seguinte texto:

N., RECEBE, POR ESTE SINAL,
O ESPÍRITO SANTO, O DOM DE DEUS.

UNÇÃO DOS DOENTES

Fórmula aprovada por unanimidade:
POR ESTA UNÇÃO
E SUA INFINITA MISERICÓRDIA
O SENHOR VENHA EM TEU AUXÍLIO
COM A GRAÇA DO ESPÍRITO SANTO.

R/ Âmen.

PARA QUE, PERDOADOS OS TEUS PECADOS,
ELE TE SALVE E, EM SUA BONDADE,
ALIVIE OS TEUS SOFRIMENTOS.

R/ Âmen.

RECONCILIAÇÃO

Também foi considerada a fórmula do Sacramento da Penitência ou Reconciliação, tendo-se chegado à conclusão unânime de que o verbo INFUNDIU deveria ser substituído por ENVIUO.

Estas fórmulas vão ser agora submetidas à apreciação e aprovação do Episcopado dos nossos Países.

2. A celebração dos 25 anos da Constituição sobre a Liturgia está a ser feita nos nossos Países com os meios de que cada um pode dispor. Mas sempre com a preocupação de aproveitar a passagem deste jubileu para promover a realização dum projecto que tenha em conta a realidade presente e abra perspectivas para um trabalho formativo e actuante de grande projecção no futuro. O pôr em comum dos programas de cada Comissão foi oportuno e revelou-se particularmente enriquecedor.

3. Foi também objecto de partilha a inculturação da Liturgia e a necessidade de que esta inculturação se faça tendo em conta a identidade cultural de cada um dos nossos povos. Os primeiros passos da reforma litúrgica tiveram, como preocupação prioritária, a tradução dos livros litúrgicos. Agora, que se procede à revisão destas traduções, verifica-se que não se aproveitaram nestes 25 anos todas as possibilidades de adaptação que estavam previstas, e que há um longo caminho a percorrer para que a reforma litúrgica leve, efectivamente, à participação activa, consciente e frutuosa que é o seu objectivo fundamental.

4. A religiosidade ou piedade popular, que tem nos nossos povos uma importância relevante, mereceu um espaço considerável no nosso Encontro e revelou como é profunda na sua vida religiosa a devoção a Nossa Senhora, à Paixão de Cristo e aos Santos. O estudo desta piedade popular a que os últimos Papas têm prestado crescente atenção e oportunas orientações para que se torne mais esclarecida e purificada dos seus excessos e ambiguidades, permitiu a análise das formas que foi criando desde a Idade Média até aos nossos dias. Pôde concluir-se desta análise que não é possível conhecer devidamente a vida religiosa dos nossos cristãos sem ter em conta o papel fundamental e insubstituível da sua piedade popular, e que esta piedade popular, nas suas formas essenciais, tem em Portugal a sua matriz e a sua expressão mais comum.

O ambiente em que decorreram estes trabalhos foi muito compreensivo, fraterno e cordial, tendo beneficiado do acolhimento carinhoso do Santuário e da protecção materna de Nossa Senhora de Fátima.